

visões

**comunicação
memória &
sensibilidades**

perifé

**Org. Jussara Peixoto Maia
Regiane Miranda Nakagawa**

ricas



Editora UFRB

**Comunicação, memória e sensibilidades:
visões periféricas**

REITOR

Fábio Josué Souza dos Santos

VICE-REITOR

José Pereira Mascarenhas Bisneto

SUPERINTENDENTE

Rosineide Pereira Mubarack Garcia

CONSELHO EDITORIAL

Ana Lúcia Moreno Amor

Josival Santos Souza

Luiz Carlos Soares de Carvalho Júnior

Maurício Ferreira da Silva

Paulo Romero Guimarães Serrano de Andrade

Robério Marcelo Rodrigues Ribeiro

Rosineide Pereira Mubarack Garcia (presidente)

Sirlara Donato Assunção Wandenkolk Alves

Walter Emanuel de Carvalho Mariano

SUPLENTE

Carlos Alfredo Lopes de Carvalho

Marcílio Delan Baliza Fernandes

Wilson Rogério Penteado Júnior

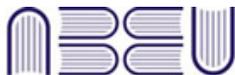
COMITÊ CIENTÍFICO:

(Referente ao Edital nº. 002/2020 EDUFRB – Edital
de apoio à publicação de livros eletrônicos)

Alexandre da Rocha Silva

Valéria Maria S. Vilas Bôas Araújo

EDITORA FILIADA À



Associação Brasileira
das Editoras Universitárias

Jussara Peixoto Maia
Regiane Miranda de Oliveira Nakagawa
(Orgs.)

Comunicação, memória e sensibilidades: visões periféricas



Editora UFRB
Cruz das Almas - Bahia /2020

Copyright©2020 Jussara Peixoto Maia e Regiane Miranda de
Oliveira Nakagawa

Direitos para esta edição cedidos à EDUFRB.

Projeto gráfico e editoração eletrônica:

Antonio Vagno Santana Cardoso

Capa

Iansã Negrão

A reprodução não-autorizada desta publicação, por qualquer meio,
seja total ou parcial, constitui violação da Lei nº 9.610/98.

C741c

Comunicação, memória e sensibilidades: visões
periféricas / Organizadoras: Jussara Peixoto
Maia e Regiane Miranda de Oliveira Nakagawa._
Cruz das Almas, BA: EDUFRB, 2020.
246p.; il. . – (Coleção Pesquisas e Inovações
Tecnológicas na Pós-Graduação da UFRB; volume
11).

ISBN: 978-65-87743-32-5

1.Comunicação – Memória. 2.Comunicação –
Pesquisa e desenvolvimento. I.Universidade Federal
do Recôncavo da Bahia, Centro de Artes,
Humanidades e Letras. II.Maia, Jussara Peixoto.
III.Nakagawa, Regiane Miranda de Oliveira.
IV.Título.

CDD: 302.23

Ficha elaborada pela Biblioteca Central de Cruz das Almas - UFRB.
Responsável pela Elaboração - Antonio Marcos Sarmiento das Chagas (Bibliotecário
- CRB5 / 1615) & Neubler Nilo Ribeiro da Cunha (Bibliotecário - CRB5/1578)
(os dados para catalogação foram enviados
pelo usuário via formulário eletrônico)



Editora UFRB

Rua Rui Barbosa, 710 – Centro
44380-000 Cruz das Almas – BA

Tel.: (75) 3621-7672

editora@reitoria.ufrb.edu.br

www.ufrb.edu.br/editora

www.facebook.com/editoraufrb

Sumário

Apresentação

Jussara Peixoto Maia

Regiane Miranda de Oliveira Nakagawa 9

Parte I – Comunicação e Memória

Narrativas políticas de Mulheres Negras no Nordeste – a Bamidelê e o Odara

Naiara Leite, Daniela Matos 17

Mulheres negras e a política – Uma história de exclusões a ser superada

Daiane Dória dos Santos, Lilian Reichert Coelho 39

Mídias negras e mediações culturais – Tecnicidades e institucionalidades na Afirmativa

Jonas de Jesus Pinheiro, Jussara Peixoto Maia 59

A Paladina do Lar e a imprensa feminina baiana no início do século XX

Michele Barros, Hérica Lene 79

Teorias da Comunicação – a Folkcomunicação enquanto sistema da comunicação cultural

Guilherme Moreira Fernandes 103

PARTE II – Mídia e sensibilidades

Sgt. Pepper`s Lonely Hearts Club Band: cânone e crítica cultural

Celina Adriana Brandão Pereira, Jorge Luiz

Cunha Cardoso Filho 133

**A dimensão sensível da comunicação:
um olhar sobre o corpo**

Naiara Moura Pinto, Renata Pitombo Cidreira 151

**Corpo e emancipação: Zózimo Bulbul, cinema negro
e pedagogia em cinema**

Amália Coelho, Amaranta Emília César dos Santos, 171

**São Salvador e necropolítica: sobre a intersecção
raça, espaço urbano e poder**

Hanna Cláudia Freitas Rodrigues, Danillo Barata 187

O que a política tranca, a arte destranca

Marcelo Argôlo, Nadja Vladi Gumes 201

A metáfora “máquina lógica” e a tecnologia do alfabeto

Regiane Miranda de Oliveira Nakagawa 223

Sobre os autores..... 241

Teorias da Comunicação – a Folkcomunicação enquanto sistema da comunicação cultural

Guilherme Moreira Fernandes

Introdução

É perceptível que nos últimos vinte anos a Folkcomunicação ganhou novos contornos e adeptos. Novos conceitos e abrangências foram apresentados por tantos pesquisadores, com destaque para os veteranos José Marques de Melo, Roberto Benjamin, Joseph Luyten, Osvaldo Trigueiro, Antônio Hohlfeldt, Severino Lucena, Cristina Schmidt, Betania Maciel, Maria Érica de Oliveira Lima, Yuji Gushiken, Beatriz Dornelles, Maria Cristina Gobbi – entre outros. As gerações formadas por esses importantes pensadores também deixaram diversas contribuições, sobretudo com as pesquisas em rede, disseminadas com a publicação de diversos livros.

Ao celebrar o centenário de Luiz Beltrão em 2018, ainda ficou evidente o quanto é importante resgatar o pensamento do pioneiro nos estudos de Comunicação no Brasil. Falar em uma principal contribuição, certamente é uma escolha de Sofia, mas inferimos a importância de pensar a Folkcomunicação – cada vez mais emergente no cenário mundial onde os diversos grupos marginalizados buscam mecanismos para alçar voz nos cenários de desigualdade.

Para pensar em tal fenômeno e na pujança das novas pesquisas acreditamos ser necessário traçar uma diferença entre o sistema da Folkcomunicação no universo da Comunicação Cultural e da Teoria da Folkcomunicação. Acreditamos que é na marcação dessa diferença que poderemos contribuir para o melhor entendimento deste campo do conhecimento – esperamos, assim, sanar possível

confusões teóricas que ainda permanecem em nosso campo, sendo a possível aproximação com os Estudos Culturais uma das maiores marcas nesse processo.

A questão que motiva essa pesquisa é a forma em que a Folkcomunicação se enquadra no universo da Ciência da Comunicação. Essa pergunta/problema será respondida com base em pesquisa bibliográfica em torno do “fenômeno” folkcomunicação.

Comunicação cultural e Folkcomunicação

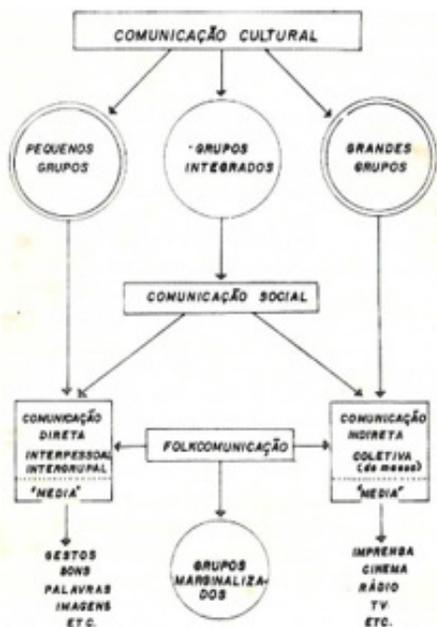
É em Luiz Beltrão (1977) que buscamos as primeiras respostas. Ao traçar uma teoria geral da Comunicação, o pesquisador pensa no fenômeno da comunicação cultural apresentando dois sistemas com características específicas: o sistema de comunicação social e o sistema de Folkcomunicação²⁰. A diferenciação é assim demarcada:

Graças à institucionalização livre que a distingue, a sociedade humana é diferenciada de cultura a cultura de nação a nação e de estado a estado, encontrando-se assim em diversos níveis de organização e desenvolvimento. Dentro de cada sociedade em particular, há diferenciações originadas por fatores étnicos, geopolíticos, econômicos e culturais; em uma mesma sociedade política (estado) convivem grupos integrados no processo civilizatório e grupos marginalizados do mesmo [...]. A situação descrita gera, para cada grupo, um sistema de comunicação, que entendemos como conjunto específico de procedimentos, modalidades e meios de intercâmbio de informações, experiências, ideias e sentimentos essenciais à convivência e aperfeiçoamento das pessoas e instituições que compõe determinada parcela da sociedade, caracterizada pelo seu grau de integração no contexto civilizatório. Identificam-se, então, dois grandes sistemas de comunicação na sociedade contemporânea (BELTRÃO, 1977, p. 121-123).

20 Essas questões já haviam sido apontadas pelo autor na obra anterior: “Fundamentos Científicos da Comunicação”, de 1973.

O esquema abaixo, produzido por Beltrão, nos ajuda a entender melhor a forma em que ambos os sistemas se fazem presentes na sociedade:

Figura 1: Sistemas de Comunicação.



Fonte: Beltrão (1977, p. 122).

Pelo diagrama, podemos perceber que ambos os sistemas são compostos por grupos pequenos, integrados e grandes grupos, fazendo uso tanto da comunicação direta, interpessoal e intergrupar, como também da comunicação indireta, coletiva e de massa. A diferenciação vai se materializar a partir dos públicos, das intenções, dos canais e das finalidades do processo. Conforme observa Karina Waitowicz (2012, p. 267) não é nessa obra em que Beltrão vai propor diálogos e complementaridade entre ambos os sistemas. A caracterização da audiência folk, igualmente, seria demonstrada posteriormente.

Ademais, é importante mencionar que pensar de não ser conclusivo, Beltrão (1977, p. 130-137) ainda aponta para a existência de um terceiro sistema – o da exobiocomunicação – que se caracterizaria pela possibilidade da existência de seres inteligentes extraterrestres e a comunicação desenvolvidas com eles. Não há evidências dessa existência e o próprio Beltrão aparentemente deixou de lado essa possibilidade de um novo sistema comunicacional.

Assumindo a existências dos dois sistemas de “comunicação cultural” – o que não nos parece haver dúvidas, apenas a não aceitação plena da denominação “Folkcomunicação” – temos um universo gigantesco de pesquisas da comunicação não-hegemônica, o que nos levaria a pensar que essas pesquisas podem ser enquadradas como pesquisas folkcomunicacionais.

Nossa defesa teórica é que são sim objetos de estudo do sistema de Folkcomunicação, mas realizadas sem a utilização da teoria da Folkcomunicação. Nos parece que é nesse momento em que uma série de confusões teóricas emergem.

Ao final do capítulo, Beltrão fornece uma bibliografia específica em que podemos encontrar diversas pesquisas que podem ser enquadradas dentro do sistema da Folkcomunicação, mas sem a utilização da teoria da Folkcomunicação. Entre as obras citadas, clássicos como “Cultura de massa e cultura popular: leituras operárias” de Ecléa Bosi; “Ideologia dos poetas populares” de Renato Carneiro Campos; “Extensão ou comunicação?” de Paulo Freire; entre muitos outros.

Como atestado no prólogo do livro, Beltrão atualizou a obra “Fundamentos científicos da Comunicação”, transformando-a em “Teoria geral da Comunicação”, com o objetivo de adequá-la as necessidades do novo currículo dos cursos de Comunicação Social²¹. Esse

21 Conforme Carlos Eduardo Lins da Silva (1979), até a emissão do Parecer 1203/77 já tinha havido sido implementado quatro currículos mínimos para os cursos de Jornalismo/Comunicação Social, sendo o primeiro estabelecido em 1962, o segundo em 1966. É com o terceiro currículo, de 1969, que a disciplina “Fundamentos científicos da comunicação” foi estabelecida. O autor elucida que o currículo de 1969 tinha um caráter muito “técnico”, já o de 1977 possuía uma maior crítica-reflexiva.

currículo, foi objeto de debates do I Ciclo de Estudos Interdisciplinares da Comunicação realizado em Santos-SP em novembro de 1978. O livro resultante do Ciclo, organizado pelos professores José Marques de Melo, Anamaria Fadul e Carlos Eduardo Lins da Silva (1979) reproduz o texto homologado pelo MEC (resolução 03/78) fixando o currículo mínimo para o curso de Comunicação Social. O currículo foi dividido em três grandes grupos: 1) Matérias de fundamentação geral, humanística²²; 2) Matérias de fundamentação específica²³; 3) Matérias de natureza profissional, divididas nas habilitações: a) Jornalismo; b) Publicidade e propaganda; c) Relações públicas; d) Rádio e televisão; e) Cinema.

Neste momento histórico, a Folkcomunicação (enquanto sistema) aparece na ementa da disciplina Sistemas de Comunicação no Brasil, assim apresentada no texto homologado pelo MEC reproduzido no livro supracitado: “Formação e desenvolvimento dos sistemas brasileiros de comunicação. Análises dos sistemas de comunicação cultural (comunicação de massa e Folkcomunicação), comunicação espacial (vias de comunicação e meios de transporte), comunicação utilitária (mecânica e eletrônica)” (RESOLUÇÃO nº 03/78 In: MARQUES DE MELO; FADUL; LINS DA SILVA, 1979, p. 124).

No âmbito do I Ciclo da Intercom diversos professores ficaram responsáveis pela busca de alternativas de conteúdo para as disciplinas básicas: Teoria da Comunicação (Carlos Eduardo Lins da Silva); Sistemas de Comunicação no Brasil (José Marques de Melo); Comunicação Comparada (Wilson Bueno); Estética e Comunicação de Massa (Anamaria Fadul); Cultura Brasileira (Maria Nazareth Ferreira); e Problemas socioculturais e econômicos contemporâneos (J. S. Faro).

22 A saber: 1) Problemas socioculturais e econômicos contemporâneos; 2) Sociologia; 3) Psicologia Social; 4) Antropologia Cultural; 5) Cultura Brasileira; 6) Língua Portuguesa.

23 A saber: 2) Teoria da Comunicação; 2) Comunicação Comparada; 3) Sistemas de Comunicação no Brasil; 4) Estética e Comunicação de Massa.

Embora entendemos que a Folkcomunicação (sistema) se poderia fazer presente nesses seis componentes curriculares – e comumente fez – focaremos nas alternativas traçadas por Marques de Melo (1979) na caracterização dessa disciplina. O pesquisador inicia a intervenção apontando que o conceito de sistemas de comunicação não apresenta uma definição uniforme. Na sequência, pensando no âmbito internacional, apresenta visões de distintos teóricos, como Sola Pool, Fischer e Merill, Charles Wright, Lee Thayer e Abraham Moles – oriundos de diferentes matrizes epistemológicas – para finalmente apontar que dentro os autores brasileiros, tal conceituação aparece apenas na obra de Luiz Beltrão (1977).

O texto de Marques de Melo é bastante prospectivo e apresenta diversas justificativas ora para confrontar a ementa proposta pelo MEC ora para ressaltar os aspectos positivos. Destacamos alguns pontos que compreende tanto a conceituação crítica como o objetivo da disciplina, com destaque para a abordagem do sistema de Folkcomunicação:

Entendemos, portanto, que a disciplina “Sistemas de Comunicação no Brasil” deve proporcionar uma compreensão das estruturas comunicacionais existentes no país, permitindo, de um lado, uma visão ampla da articulação dos componentes internos da sua mecânica operacional, e, de outro lado, uma interpretação das suas relações com os demais organismos e instituições sociais, que quase sempre lhes determinam a própria fisionomia. Tudo isso, tendo como marco de referência o modo de produção capitalista, a que se vincula o nosso sistema de comunicação, para entendê-lo no seu processo evolutivo.

O objetivo principal da disciplina deve ser o de localizar o estudante dentro da engrenagem em que vai atuar diretamente (como profissional) ou com a(s) qual (is) vai estar em contato, seja para detectar e reaproveitar elementos simbólicos (Folkcomunicação), seja para processar mensagens (telecomunicações) ou para promover a sua circulação (transporte) [...].

Cabe, porém, destacar que atenção especial merece ser atribuída ao sistema de Folkcomunicação, entendido como universo simbólico peculiar às populações subalternas, por se tratar de área do conhecimento a que estão alheios os indivíduos de classe média (como geralmente o são os estudantes universitários em nosso país). Essa aproximação dos futuros profissionais do jornalismo ou da publicidade em relação aos modos através dos quais se comunicam os brasileiros que compõem os estratos economicamente inferiores da nossa população servirá, quando nada, como mecanismo de identificação com os nossos valores autenticamente populares.

Poderão resultar, daí, dois tipos de ocorrência: a) a readequação do próprio universo simbólico utilizado pela comunicação de massa, tornando mais abrangente a democratização cultural que de alguma maneira seus veículos realizam; b) a imersão dos futuros comunicadores, através da análise dos veículos informais de comunicação, na problemática enfrentada dia a dia pelas camadas subalternas da nossa população, tornando-os mais solidários com os anseios e aspirações das massas oprimidas. É certo que o efeito inverso pode também ocorrer: o conhecimento do universo simbólico dos oprimidos para utilizá-lo como instrumento de reforço da opressão. Mas, esse é um risco cuja neutralização dependerá em grande parte da postura adotada pelos docentes que orientam estudos nessa área, ou da consciência crítica formada pelos próprios estudantes (MARQUES DE MELO, 1979, p. 216-218).

A reprodução dessa longa citação, que visa esclarecer uma disciplina que já não faz parte do currículo dos cursos de Jornalismo, Publicidade e Propaganda, etc., tem como objetivo entender melhor a proposta da Folkcomunicação enquanto um sistema de comunicação cultural complementar ao sistema da comunicação social. Dois universos gigantescos que vão se sobrepor em muitos momentos. Temos a impressão que a caracterização da Folkcomunicação nesse âmbito contribui mais para uma formação humanística dos alunos do que o entendimento dela enquanto parte integrante das teorias da comunicação.

O texto de Marques de Melo continua com a proposta do conteúdo da disciplina. Nesse aspecto a Folkcomunicação é dividida em gêneros (escrita, oral, icônica e cinética) e variados formatos. O autor justifica essa divisão com base na proposta de Umberto Eco, apresentada no livro “Apocalípticos e Integrados”, ao pensar o foco da natureza comunicacional no próprio código. Cabe ainda reproduzir o item 3 do programa que se caracteriza por uma abordagem integrada entre os dois sistemas:

3) Crítica da Folkcomunicação e Relações com a Comunicação de Massa: a) Funções sociais da Folkcomunicação; b) Tradição e mudança na Folkcomunicação; c) Apropriação da Folkcomunicação pela vanguarda política; e) Sobrevivência da Folkcomunicação na sociedade industrial (MARQUES DE MELO, 1979, p. 219-200).

A parte final do texto é dedicada a apresentação de bibliografias do componente curricular. Assim como a bibliografia apresentada por Beltrão (1977), a grande parte dos livros listados para tratar da Folkcomunicação não são livros que utilizam o arcabouço teórico traçado por Beltrão, embora não há dúvidas de que são leituras importantes para a compreensão da Folkcomunicação enquanto sistema – ou seja, o entendimento do folclore, da cultura popular, dos subalternos, da marginalidade, etc. Queremos chamar especificamente a atenção para a bibliografia selecionada para o tópico de “crítica da folkcomunicação”, que listamos acima: “Comunicação/Incomunicação no Brasil” (Marques de Melo, org.); “Desenvolvimento e marginalidade” (Maria Célia Paoli); “Cultura de Massa e cultura popular” e “Problemas ligados à cultura das classes pobres” (Ecléa Bosi); “Folclore e mudança social na cidade de São Paulo” e “O folclore em questão” (Florestan Fernandes); “Dinâmica do Folclore” (Edison Carneiro); “Cultua popular” (Sebastião Leite); “Arte popular e dominação” (Ivan Maurício et al); “A questão da cultura popular” (Carlos Estevam); “Cultura posta em questão” (Ferreira Gullar); “Cangaceiros

e Fanáticos” (Rui Facó); “O fim de uma tradição” (Robert Shierley); e “Tradição e transformação do Brasil” (Pessoa de Moraes). (MARQUES DE MELO, 1979, p. 238).

Pela lista, é perceptível que a bibliografia indicada não dá conta do conteúdo proposto. Mesmo com todas as publicações e pesquisas que surgiram neste século, ainda encontraríamos dificuldades em selecionar uma bibliografia que pudesse abarcar essa discussão, sem, evidentemente, menosprezar a já listada na categoria de leituras complementares. Esse problema em relação à bibliografia continuou na obra seguinte de Luiz Beltrão (1980), conforme pode ser verificado no anexo 3 do livro “Folkcomunicação: a comunicação dos marginalizados” – novamente pensando o estudo da Folkcomunicação na possibilidade de sistema, e não de uma teoria.

Possivelmente a escolha da Intercom em trazer a comunicação e as classes subalternas como tema do II Ciclo de Estudos Interdisciplinares da Comunicação que aconteceu entre os dias 7 e 8 de setembro de 1979 em São Paulo-SP, tinha como objetivo (também) de fornecer subsídios para o pensamento da Folkcomunicação enquanto sistema. No texto que abre o livro fruto do II Ciclo, Marques de Melo (1980) aponta:

Pretendia-se, inicialmente, neutralizar aquele fascínio que os jovens pesquisadores – estimulados pela visão atrofiada que se dissemina na maioria das nossas escolas de comunicação – sentem pela moderna tecnologia da indústria cultural. Aceitando-lhes com uma outra realidade, bem mais viva e dinâmica e bem mais comprometida com os interesses populares, buscava-se evitar a repetição de certos estudos, vazios em si mesmos, e que na verdade só faziam reproduzir os projetos de pesquisa pensados e testados nos países imperialistas. Estava, portanto, na raiz do evento, o desejo de converter a comunicação subalterna em foco de análises, reflexões e sistematizações, com vistas à elucidação de certos problemas vinculados à luta das classes oprimidas pela sua libertação [...].

Essa é a razão por que, além dos modos de comunicação dos trabalhadores urbanos (operariado) e dos trabalhadores rurais (campesinato), o ciclo da Intercom abriu possibilidades para acolher contribuições sobre os modos de comunicação dos grupos religiosos, das minorias étnicas e raciais, das comunidades homossexuais etc. e sobre as relações que estabelecem com os *mass media* (MARQUES DE MELO, 1980, p. 12-13).

Embora o texto de Marques de Melo (1980) não faça menção à Folkcomunicação, a forma como o texto foi construído deixa claro a preocupação com um outro grupo que está à margem do sistema da Comunicação Social. Cada um dos textos reunidos no livro apresenta valiosas contribuições para o entendimento de uma outra forma de exercitar a comunicação e garantir a participação e a promoção da cidadania. Importantes pesquisadores da Folkcomunicação como Benjamin e Luyten figuram entre os autores. O trabalho de Rogério Cadengue “A comunicação em comunidades homossexuais” foi uma das bases teóricas/empíricas utilizadas por Beltrão (1980) na concepção do subgrupo erótico-pornográfico pertencente à audiência folk no âmbito dos culturalmente marginalizados²⁴.

Ao menos nessa perspectiva de sistema (alternativo) a Folkcomunicação circulou nos cursos de graduação nos anos 1970 e 1980. Algumas universidades, como é o caso da Católica de Pernambuco, Federal da Paraíba e Federal de Juiz de Fora chegaram a incluir a disciplina “Folkcomunicação” nos currículos. Mesmo sem acesso às ementas desses cursos, há de supor que da mesma forma que “Sistemas de Comunicação no Brasil”, a disciplina se caracteriza por deveras amplitude. Ainda na condição de currículo, ainda é possível encontrar a presença da Folkcomunicação, seja em cursos de graduação e pós-graduação, a exemplo das universidades Federal do Rio Grande do Norte e Federal de Mato Grosso – com enfoques-

24 Especificamente sobre esse tema e as relações da Folkcomunicação com os estudos de gênero, ver Woitowicz; Fernandes (2017).

rerenciados²⁵. Todavia, o “assunto” presente nesta disciplina, com outras vertentes, continua integrando os currículos com denominações como “Comunicação Comunitária²⁶”.

Categorização da Folkcomunicação como sistema

Consonante com o mais recente currículo mínimo, em 2014, Marques de Melo lançou o livro “Teoria e metodologia da comunicação: tendências do século XXI”, uma obra volumosa e cuidadosamente planejada que ao mesmo tempo que resgata os aspectos históricos em torno dos teóricos da comunicação, apresenta possibilidades mais recentes.

No capítulo dedicado à Folkcomunicação, na contramão de outros estudos do próprio pesquisador²⁷, é apontado o ano de 1951 por ter “apresentando dois fatos isolados, mas que demonstram a oportunidade do estudo acadêmico da Folkcomunicação” (MARQUES DE MELO, 2014, p. 401). O primeiro fato relatado foi a publicação do livro “The mechanical bride” – ainda sem tradução para o português – por Marshall McLuhan que estuda o “folclore do homem industrial”. De acordo com Marques de Melo este livro

especula a propósito do divórcio entre a sociedade ocidental (europeia) e sua ‘noiva mecânica’ (a imprensa). Para tanto, o performático canadense argumenta paradoxalmente pinçando símbolos folk no universo da indústria cultural, demonstra a eficácia operativa destes. Apropria-se de imagens peculiares ao mundo dos primitivos colonizadores britânicos, mesclados com os elementos típicos

25 Ver Gushiken; Lima (2016).

26 Embora entendemos a Folkcomunicação e a Comunicação Comunitária como disciplinas distintas e com focos diferenciados, fizemos essa colocação apenas para marcar a possibilidade de tratar de outros assuntos fora da esfera dos grupos dominantes.

27 Comumente afirmamos que a pesquisa em Folkcomunicação se inicia em 1965 com a publicação do artigo “o ex-voto como veículo jornalístico” de Luiz Beltrão, publicado na pioneira revista “Comunicação & Problemas”. Outra possibilidade de marco é o ano de 1967, em que Beltrão defendeu na UnB a tese de doutoramento “Folkcomunicação: um estudo dos agentes e dos meios populares de informação de fatos e expressão de ideias”.

dos novos imigrantes, para gerar o tecido que veste o corpo do cidadão ianque (MARQUES DE MELO, 2014, p. 402).

O segundo marco do ano de 1951 foi a publicação de um artigo – Papei Noel Supliciado – de Claude Lévi-Strauss, com o testemunho de um episódio singular que aconteceu durante as comemorações natalinas na cidade de Dijon e noticiada pelo “France Soir” – “o incidente traduzia o descontentamento da população local a respeito da paganização do Natal. O pomo de discórdia é a introdução do culto a Papei Noel, importado dos EUA, embora o mito seja ancorado nas tradições nórdicas” (MARQUES DE MELO, 2014, p. 402).

Embora Marques de Melo evidencie as pesquisas de McLuhan e de Lévi-Strauss como uma espécie de gênese do pensamento folk-comunicacional, ele se preocupa também em mostrar um distanciamento em relação à obra de Beltrão:

Sintomaticamente, porém, Beltrão envereda por caminho distinto daquele percorrido por McLuhan e Lévi-Strauss, buscando um ângulo de observação da *folk culture* pela mídia e sim o uso da *mass culture* pelo folclore, recodificando e interpretando o conteúdo da mídia para a compreensão do povo (MARQUES DE MELO, 2014, p. 403).

Embora Marques de Melo faça a marcação dessa diferença de abordagem, os estudos atuais da Folkcomunicação estão inseridos em ambos os movimentos, especialmente a partir das conceituações de “Nova Abrangência da Folkcomunicação” (Benjamin), Folkmídia (Luyten), Folkmarketing (Lucena Filho) e Ativista Midiático (Trigueiro).

Retornando ao livro de Marques de Melo (2014), no capítulo dedicado a McLuhan o pesquisador traz outros componentes para o entendimento da Folkcomunicação como sistema. Inicialmente, Marques de Melo discute a importância de Beltrão e dos pesquisadores pernambucanos (Gilberto Freyre e Tereza Halliday) na difusão das

ideias de McLuhan no Brasil. Destacando que apesar de Beltrão conhecer o teor da obra “The mechanical bride” ele não o havia lido. Marques informa que o seu primeiro contato com livro foi em 1973 durante o pós-doutoramento na Universidade de Wisconsin. Marques de Melo (2014, p. 367) ainda admite que antes de conhecer a obra de McLuhan ele já havia tido “a compreensão que tinha do processo de Folkcomunicação dimensionava múltiplos fluxos interativos – intra (folclórica), inter (folkcomunicacional), retro (folkmediática) e trans (folkliterária).

Foi a partir dessas dimensões – ou seja, compreendendo a folkcomunicação como sistema – que Marques de Melo organizou a primeira antologia sobre Folkcomunicação em 1971 selecionando textos que perpassam todos esses fluxos: “intra (‘Cem ditados rurais paulistas’, Hernani Donato), inter (‘O ex-voto como veículo jornalístico’, Luiz Beltrão), retro (‘Papai Noel Supliciado’, Claude Lévi-Strauss) e trans (‘A arte popular no Brasil’, Ariano Suassuna)” (MARQUES DE MELO, 2014, p. 367). Além desses quatro textos listados, a pioneira obra de Marques de Melo ainda apresentou outros sete. Dois analisando a própria obra de Beltrão (‘Folkcomunicação’, de Marques de Melo; e ‘Carta sobre o ex-voto’, de Câmara Cascudo); um a respeito do questionamento teórico (‘Arte de formação e arte de informação’, de Clarival do Prado Valadares); pensando nas categorias acima listadas por Marques de Melo ainda podemos enquadrar como intra outros dois textos (‘Notas sobre a xilogravura popular’ de Roberto Pontual; e ‘Filosofia dos para-choque’, de Mauro de Almeida); como inter (‘Música popular religiosa’, de José Maria Tavares de Andrade) e, por fim, outro como trans (‘Uma sociologia de rótulos de cigarro’, de Mauro Mota), (MARQUES DE MELO, 1971).

A mesma evidência – embora sem ganhar as denominações de intra, inter, retro e trans – pode ser verificada na primeira parte (Folkcomunicação: Pré-história da disciplina) presente na obra “Metamorfose da Folkcomunicação: antologia brasileira” organizada por

Marques de Melo e Fernandes (2013). A quase totalidade dos textos apresentados nas cinco primeiras seções não marcam a Folkcomunicação como teoria, mas são reflexões importantes para compreender as possibilidades de estudo dentro da perspectiva do sistema de Folkcomunicação.

Finalizando as evidências, quero chamar especial atenção ao polêmico ensaio de Antônio Hohlfeldt (2013) “Novas tendências nas pesquisas da Folkcomunicação: pesquisas acadêmicas se aproximam dos Estudos Culturais”, originalmente apresentado no NP de Folkcomunicação do congresso nacional da Intercom em 2002. Acreditamos que Hohlfeldt, neste texto, considera a Folkcomunicação como sistema, embora utilize a denominação de “campo” para realizar o enquadramento teórico. Tenho fortes convicções de que se a palavra “Folkcomunicação” no título do ensaio fosse substituída por Comunicação popular, cultura popular, comunicação não-hegemônica, etc. as objeções à associação não seriam ventiladas²⁸. Considerando a Folkcomunicação como campo (sistema), Hohlfeldt verificou três múltiplas influências teóricas: 1) difusionismo norte-americano; 2) estudos culturais ingleses; 3) estudos culturais latino-americanos²⁹ – a partir da busca pelos termos “comunicação popular” e “cultura popular” nas teses e dissertações em PPGs de Comunicação defendidas entre os anos de 1992 a 1999. E, voltado para as pesquisas desenvolvidas no Rio Grande do Sul, identificou que a temática fora abordada por professores como Sérgio Caparelli, Ruben George Oliven, Nilda Jacks e Ana Carolina Escosteguy – sendo que nenhum desses autores utilizaram Beltrão ou a Folkcomunicação como subsídio teórico. Em contrapartida, os objetos estudados estão naqueles que Beltrão (1977) havia apresentado como pertencentes ao sistema da Folkcomunicação.

28 Não iremos retornar a essa discussão pois já escrevemos sobre isso em outras oportunidades. Sobre a nossa visão a respeito ver Fernandes (2011).

29 Sobre as possibilidades de pesquisa em Folkcomunicação sugerimos a leitura de Hohlfeldt (2012) e Fernandes, Pinheiro, Martins (2013).

De fato, não há nenhum problema como o título escolhido pelo pesquisador, pois foi exatamente isso que ele encontrou: as pesquisas desenvolvidas na década de 1990 que objetivaram estudar o “outro” sistema da comunicação cultural se aproximaram dos estudos culturais. Foi nessa época que textos de importantes teóricos dos estudos culturais britânicos e latino-americanos foram traduzidos e tiveram uma circulação maior entre os pesquisadores da Comunicação.

Como mencionamos anteriormente, nas décadas de 1970 e 1980 o estudo da Folkcomunicação estava expresso no currículo mínimo estabelecido pelo MEC, o que não mais aconteceu nas décadas seguintes (embora, por vezes, apareça no conteúdo programático de “Teoria da Comunicação”). Não fosse o protagonismo de José Marques de Melo ao fundar a Rede Folkcom em 1998 e assim promover as Folkcom’s (Conferência Brasileira de Folkcomunicação) – possivelmente o termo já estaria em desuso. Possível resposta – e que estou plenamente de acordo – foi expressa pelo próprio autor no artigo em questão:

A primeira observação a se fazer, pois, é que a denominação folkcomunicação ainda não foi incorporada pelo mundo acadêmico eu me arriscaria mesmo a dizer que sofre restrições e resistências, ainda que nos últimos anos, graças aos encontros da Folkcom, e à criação da Rede de Folkcomunicação, tenhamos conseguido recuperar terreno que, por volta dos anos 80 e 90 ficou perdido. Arriscaria dizer que isso se deve a dois motivos: a) de um lado, a falta de coerência, refinamento e acuidade teórica de boa parte dos pesquisadores de folkcomunicação evidenciam, terminando por confundir o conceito de manifestação folclórica ou de uma cultura popular como de folkcomunicação, ou por falta de maior aprofundamento teórico, ou porque são, na verdade, muito mais folcloristas do que propriamente estudiosos dos fenômenos comunicacionais; b) de outro, o preconceito e a desconfiança, em boa parte motivados por nosso complexo de inferioridade cultural que prefere in-

corporar perspectivas estrangeiras àquelas nacionais, quando no estudo de fenômenos socioculturais, e que, por isso mesmo, preferem assumir-se na ótica dos estudos culturais ou na perspectiva dos hibridismos, ao invés de se valerem da perspectiva, anterior, diga-se de passagem, e neste sentido pioneira, da folkcomunicação. Ignorância ou preconceito, para sermos objetivos, acabam por tornar confuso o campo de estudo escolhido e que necessita de constante definição e redefinição (HOHLFELDT, 2013, p. 878-879).

Felizmente de 2002 até 2019 muita coisa mudou e ambos os motivos apresentados por Hohlfeldt, no contexto atual, podem ser relativizados. Penso que a separação entre a folkcomunicação e o folclore já ficou bastante evidente tanto para os folcloristas, como também para os comunicólogos – mas, em alguns casos, ainda percebemos uma falta de aprofundamento teórico: ou os trabalhos são meras descrições de pesquisas empíricas ou, o que mais ocorre, utilizam apenas textos escritos há mais de vinte/trinta/quarenta anos como única referência, como se nada de novo tivesse acontecido! Ainda há trabalhos que se limitam a resenhar as obras clássicas para explicar “o que é folkcomunicação”, sem gerar problematizações novas.

O preconceito e a desconfiança – talvez em menor grau – ainda persistem. Há quem ainda considere o estudo de folkcomunicação como algo menor e datado – quando, ao contrário, a folkcomunicação cada vez mais está presente no cenário globalizado e com acesso dos grupos minoritários à rede mundial de computadores. Todavia, avanços foram evidentes. Teses, dissertações e monografias, a partir dos anos 2000, passaram a inserir a Folkcomunicação nos títulos. A Rede Folkcom conquistou o Prêmio Luiz Beltrão, na categoria grupo inovador, em 2011, oferecido pela Intercom. Os mais importantes congressos de comunicação (de cunho generalista) trazem grupos de trabalhos evidenciando a folkcomunicação na ementa.

A amplitude da Folkcomunicação

Estabelecer limites ou definir a amplitude de um campo, disciplina, teoria ou sistema – no âmbito das ciências humanas e sociais, que passam constantemente por modificações que rompem com ordens anteriormente estabelecidas, é um grande desafio. Muito já se falou – e acredito não haver dúvidas – da concepção da comunicação como um campo interdisciplinar. Há importantes debates epistemológicos, os quais julgamos necessários para poder pensar também a folkcomunicação, mas não é exatamente o momento de retomá-los. O que queremos registrar é que no âmbito das Ciências da Comunicação não há exatamente um limite ou amplitude, por variados motivos.

Luiz Beltrão (1983) ao ser convidado para fazer uma revisão crítica das pesquisas nas décadas de 1960 e 1970, com foco na Folkcomunicação, durante o V Ciclo de Estudos Interdisciplinares da Comunicação, promovido pela Intercom, na cidade de São Paulo, em setembro de 1982, trouxe em sua fala importantes elementos para podermos pensar na amplitude da Comunicação e, especificamente, da Folkcomunicação:

Alguns estudiosos, como em carta me confessava o prof. Américo Pellegrini Filho, consideram o campo da folkcomunicação 'de uma abrangência enorme, extrapolando o âmbito do folclore (já por si tão amplo...)'. A consideração é válida, mas não apenas para o folclore, como área específica. Penso que a disciplina Comunicação extrapola o âmbito de qualquer outra para a qual se volte: bastaria, por exemplo, considerar as áreas da ciência da educação ou da religião, para cujo um tratamento comunicacional se reclama do estudioso ou do pesquisador a penetração em campos tão diversos como os da política, das finanças ou da arte. Penso que a comunicação está no centro do diálogo, como o sol, em torno do qual giram os corpos celestes por ele iluminados e que, sem ele, sequer poderiam ser por nós pressentidos. Os sistemas de comunicação, seja o que denominamos de Comunicação Social, seja o da Folkcomunicação

ção (como acontecerá quando e se se tornar efetivo o da Exobiocomunicação) extrapolam efetivamente qualquer das áreas específicas científicas, artísticas, filosóficas ou pragmáticas com que e de que tratem. São, por essência, interdisciplinares (BELTRÃO, 1983, p. 73).

Essa amplitude da Comunicação proporcionou um longo debate se a comunicação é um campo ou uma disciplina. Na condição de disciplina, qual o objeto e qual o método a ser utilizado? Particularmente, trazendo para o universo da Folkcomunicação, não consigo pensar em um objeto e em um método da/próprio da Folkcomunicação. É por este motivo que discordo de Cristina Schmidt quando ela faz os seguintes apontamentos:

Na terminologia Folkcomunicação entram dois termos que merecem distinções, são eles folclore e comunicação. O folclore é o objeto de estudo, e a comunicação é a área de conhecimento, dentro das ciências humanas, que fornece os referenciais teóricos e metodológicos. A teoria da folkcomunicação abarca os processos comunicativos não hegemônicos voltados para a comunicação com um mundo em múltiplos processos (SCHMIDT, 2007, p. 34).

Há 43 anos Luiz Beltrão inaugura uma disciplina no campo da Comunicação voltada ao estudo dos processos comunicacionais do folclore, a Folkcomunicação. É a gênese de uma teoria autenticamente brasileira de Comunicação. [...]. Essa disciplina vem ganhando destaque a cada dia, e conquista sintomaticamente um número crescente de adeptos – pesquisadores e professores que trabalham com a temática a luz a teoria da Folkcomunicação e de metodologias próprias (SCHMIDT, 2010, p. 264).

Vamos ignorar o fato de a Comunicação ser uma disciplina, uma teoria, um campo, por enquanto. O que nos chama atenção das afirmações da pesquisadora é a definição do folclore como objeto e das metodologias próprias, das quais, humildemente, discordamos. É fato que o conceito de folclore, estudado por Beltrão, ou seja, o

cunhado por Edison Carneiro³⁰ (1965), em nada lembra a visão dos folcloristas tradicionais, como destaca o próprio Beltrão (1983, p. 74): “[...] o folclore, modificando-se sob a ação geral das várias forças espontâneas e dirigidas da sociedade, por sua vez provoca modificações no todo, que é a sociedade. São ensinamentos de Edison Carneiro que não podem jamais ser esquecidos pelo teórico e pesquisador da Folkcomunicação”. Mesmo com esse entendimento expandido do folclore e de todo o seu processo dinâmico (tal qual o próprio fenômeno da Comunicação) ele não contempla a gama de objetos estudados, hoje, pela Folkcomunicação. Ao passo que em sua tese de doutoramento Beltrão tenha se valido de elementos do folclore, o próprio pesquisador expandiu posteriormente o objeto. Ainda recorrendo a Beltrão, acreditamos que a citação seguinte nos traz uma compreensão maior sobre a questão do objeto folkcomunicacional:

Ocorre ainda que nem todos os usuários do sistema [da Folkcomunicação] pertencem ao universo folclórico, isto é, são originalmente partícipes das camadas populares que sentem, pensam, agem e se expressam de modo peculiar, ligados a crenças, costumes e formas tradicionais e arraigadas no seu espírito e na sua vida. Como é o caso daqueles grupos culturalmente marginalizados que, comprometidos com ideologias contrárias ao regime político dominante, se marginalizam ou dele são excluídos, não obstante sua filiação à cultura erudita.

O desconhecimento ou a não consideração desses condicionantes é que tem, ao meu ver, prejudicado o desenvolvimento de autênticas pesquisas em folkcomunicação, fazendo com que

30 Para Edison Carneiro (1965, p. 1-2): “Entende-se por folclore um corpo orgânico de modos de sentir, pensar e agir peculiares às camadas populares das sociedades civilizadas. [...]. Há, assim, um intenso intercâmbio cultural entre os vários *strata* sociais – resultado direto da comunicação pessoal, das relações de produção, da comunidade de língua, de sentimento religioso e nacional, da educação e da cidadania. Em consequência, e sob a pressão da vida social, o povo atualiza, reinterpreta e readapta constantemente os seus modos de sentir, pensar e agir em relação aos fatos da sociedade e aos dados culturais do tempo. O folclore é, portanto, dinâmico. [...]. Toda sociedade participa da criação e da manutenção do folclore – e isso não apenas através da sua aceitação ou repressão [...]”

grande número de investigadores na área se limite a aspectos folclóricos puramente descritivos ou, quando muito, submetidos a preconcebidas interpretações, sem qualquer esforço de ultrapassagem do óbvio ululante de que falava Nelson Rodrigues (BELTRÃO, 1983, p. 74).

Desta forma, podemos perceber que não é possível afirmar que o folclore é o objeto da Folkcomunicação. Como também nos parece impossível a tentativa de definir um objeto para a Folkcomunicação – bem como não conseguimos encontrar um método específico e único. No âmbito geral da Comunicação, podemos fazer as mesmas afirmações: não há um método, não há um objeto. O que poderia ser uma pergunta retórica, mas de fato não é: Se não há um método e um objeto, como pensar a Comunicação (ou a Folkcomunicação) enquanto disciplina?

Essa não é uma questão simples de resolver e foge dos limites desse artigo, mas nos parece que um interessante caminho seria o de seguir as proposições de Muniz Sodré (2014) e pensar a Comunicação como uma ciência pós-disciplinar o que significa romper com os padrões de fronteiras que tradicionalmente demarcam as disciplinas “apontando para a insuficiência da especialização fechada em si mesma diante dos imperativos de comutabilidade dos saberes nos grupos de pesquisa científica” (SODRÉ, 2014, p. 125). Desta forma, não precisaríamos ancorar a Comunicação dentro de um específico paradigma (como o informacional, por exemplo).

O caráter científico da Folkcomunicação – especialmente centrado na obra de Beltrão – recebeu dois grandes estudos – um de Isabel Amphilo (2010) e outro de Iury Aragão (2017) – que conseguiram sustentar a ideia de uma teoria da Folkcomunicação, rompendo com a “convicção” de estar ancorada no paradigma funcionalista³¹.

31 Essa questão já foi discutida por nós, por isso não iremos, novamente, alongar nessa discussão. Ver Fernandes (2017).

Considerações finais

Embora interligadas e com a mesma origem, acredito ser importante realizar a demarcação da Folkcomunicação em duas distintas perspectivas de estudo: a primeira, principal foco deste texto, é a folkcomunicação entendida como um sistema da Comunicação, coexistindo e fundindo-se ao sistema da Comunicação Social. É um sistema cujo foco de estudo é necessariamente interdisciplinar e nos parece fundamental – para além de um entendimento do folclore – uma concepção macro da cultura.

A noção e entendimento do que é cultura e a forma como ela está presente no fenômeno comunicacional é fundamental para a escolha da perspectiva teórica (em nível paradigmático) a ser utilizada. Disciplinas como Sociologia e Antropologia tendem a perceber fenômenos culturais de formas distintas, o que exige métodos igualmente distintos. Nos parece provocante o título “Folkcomunicação, variação dos estudos de cultura?” dado por Luitgarde Barros (2013) para abrir a antologia “Metamorfose da Folkcomunicação”, embora Barros não responda claramente a questão-título. Não creio que a Folkcomunicação seja uma variação dos estudos de cultura, mas em seu estudo, a noção de cultura e a forma de conceber/perceber o fenômeno comunicacional decorrente, é essencial. O estudo no âmbito da Folkcomunicação vai ser modificado pela forma como a cultura é entendida e vista. Nessa linha, coexistem estudos de natureza funcional, dialética, instrumental, estrutural, fenomenológica, etc. E, sim, todos eles, podem ser de natureza folkcomunicação. Desta forma, é sim, ainda, possível entender (e, logo, estudar) a Folkcomunicação como um dos sistemas da Comunicação Cultural.

Uma noção mais restrita seria a utilização da Folkcomunicação entanto teoria/disciplina dentro do campo/disciplina da Comunicação, ou a Ciência do Comum (e não da Informação), como prefere Sodré (2014). Para este entendimento, é fundamental que o pesquisador

diga que é (se trata) de Folkcomunicação – obviamente em uma pesquisa imersa em um processo comunicacional. Necessariamente teria que utilizar obras dos teóricos da Folkcomunicação? Teria, ainda, que repetir o conceito de folkcomunicacional concunhado ou adaptado por um desses mestres? Acredito que não, mas a leitura deles, sim.

Em miúdos, mesmo sem o uso de qualquer um dos pensadores da Folkcomunicação, sendo uma pesquisa que busca ver a comunicação popular/marginal ou a presença da (ou reflexão/refração da) comunicação na cultura popular/marginal/folclórica, e o pesquisador assim querendo se enquadrar/rotular, é uma pesquisa imersa na Teoria da Folkcomunicação.

As duas formas de entendimento da Folkcomunicação (sistema/teoria) podem ser realizadas e adotadas de formar curricular. É preciso ainda romper com o preconceito ou resistência ao uso da terminologia cunhada por Beltrão. No universo dos pesquisadores de Comunicação, percebo uma especial resistência pelo entendimento do termo ser igual – folclore – mais – comunicação. E, nesse bojo, o ato de pensar o folclore como conservador, tradicional, anônimo, passado de geração a geração, transmitido oralmente, entre outros possíveis reducionismo para a visão cunhada por Carneiro (1965), traz também esse distanciamento. Já avançamos, mas ainda temos muito caminho pela frente. Avante!

Referências

AMPHILO, Maria Isabel. **A gênese, o desenvolvimento e a difusão da Folkcomunicação**. 2010. 733f. Tese de doutorado (Doutorado em Comunicação) – Programa de Pós-graduação em Comunicação, Universidade Metodista de São Paulo, São Bernardo do Campo, 2010.

ARAGÃO, Iury P. **Elos teórico-metodológicos da Folkcomunicação: retorno às origens (1959-1967)**. 2017. 251f. Tese de doutorado

(Doutorado em Comunicação) – Programa de Pós-graduação em Comunicação, Universidade Metodista de São Paulo, São Bernardo do Campo, 2017.

BARROS, Luigarde C. B. Folkcomunicação, variação dos Estudos de Cultura? In: MARQUES DE MELO, José; FERNANDES, Guilherme M. (orgs.). **Metamorfose da Folkcomunicação**: antologia brasileira. São Paulo: Editae Cultural, 2013. p. 22-40.

BELTRÃO, Luiz. A pesquisa sobre Folkcomunicação. In: MARQUES DE MELO, José (coord). **Pesquisa em Comunicação no Brasil**: tendências e perspectivas. São Paulo: Cortez; Intercom; Brasília: CNPq, 1983. p. 70-76.

BELTRÃO, Luiz. **Folkcomunicação**: a comunicação dos marginalizados. São Paulo: Cortez, 1980.

BELTRÃO, Luiz. **Teoria geral da Comunicação**. Brasília: The-saurus, 1977.

CARNEIRO, Edison. **Dinâmica do Folclore**. Rio de Janeiro: Civ. Brasileira, 1965.

FERNANDES, Guilherme M. Aproximações teóricas entre a Folkcomunicação e os Estudos Culturais. **Revista Internacional de Folkcomunicação**. Ponta Grossa, UEPG, Vol. 1, nº 18, 2011. Disponível em: <http://www.revistas.uepg.br/index.php/folkcom/article/view/1454/1031>. Acesso em 15 abr 2017.

FERNANDES, Guilherme M. Problemas teóricos da Folkcomunicação: exposição de questões. CONFERÊNCIA BRASILEIRA DE FOLKCOMUNICAÇÃO, FOLKCOM, XVIII. Recife, UFRPE/Facipe. **Anais...** Recife: Rede Folkcom, 2017. Disponível em: <http://anais-folkcom.redefolkcom.org/index.php/folkcom/article/view/22>. Acesso em 08 jul 2019.

FERNANDES, Guilherme M.; PINHEIRO, Júnior; MARTINS, Júnia. Reflexões metodológicas na pesquisa em Folkcomunicação. CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO,

INTERCOM, XXXVI, Manaus, UFAM. **Anais...** São Paulo: Intercom, 2013. Disponível em: <http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2013/resumos/R8-1266-2.pdf>. Acesso em 08 jul 2019.

GUSHIKEN, Yuji; LIMA, Maria Érica O. Comunicación y cultura: las singularidades de la folkcomunicación en Cuiabá-MT y Natal-RN. In: YÁÑEZ AGUILAR, Cristian et al. (orgs.). **Folkcomunicación en América Latina: diálogos entre Chile y Brasil**. Temuco: Ediciones Universidad de La Frontera, 2016. p. 159-170.

HOHLFEDLT, Antonio. Pesquisa em Folkcomunicação: possibilidades e desafios. In: LOPES FILHO, Boanerges B.; FERNANDES, Guilherme M.; COUTINHO, Iluska; MENDES, Marise P.; OLIVEIRA, Maria José (orgs.). **A Folkcomunicação no limiar do século XXI**. Juiz de Fora: UFJF, 2012. p. 53-64.

HOHLFEDLT, Antonio. Novas tendências nas pesquisas da Folkcomunicação: pesquisas acadêmicas se aproximam dos Estudos Culturais. In: MARQUES DE MELO, José; FERNANDES, Guilherme M. (orgs.). **Metamorfose da Folkcomunicação: antologia brasileira**. São Paulo: Editae Cultural, 2013. p. 876-883.

LINS DA SILVA, Carlos Eduardo. A política educacional brasileira e os currículos de comunicação. In: MARQUES DE MELO, José; FADUL, Anamaria; LINS DA SILVA, Carlos Eduardo (orgs.). **Ideologia e poder no ensino de comunicação**. São Paulo: Cortez & Moraes; Intercom, 1979. p. 19-30.

MARQUES DE MELO, José (org.). **Folkcomunicação**. São Paulo: ECA/USP, 1971.

MARQUES DE MELO, José; FADUL, Anamaria; LINS DA SILVA, Carlos Eduardo (orgs.). **Ideologia e poder no ensino de comunicação**. São Paulo: Cortez & Moraes; Intercom, 1979.

MARQUES DE MELO, José. Sistemas de Comunicação no Brasil. In: MARQUES DE MELO, José; FADUL, Anamaria; LINS DA SILVA, Carlos Eduardo (orgs.). **Ideologia e poder no ensino de comunicação**. São Paulo: Cortez & Moraes; Intercom, 1979. p. 211-239.

MARQUES DE MELO, José. Comunicação e classes subalternas. In: _____ (org.). **Comunicação e classes subalternas**. São Paulo: Cortez, 1980. p. 11-14.

MARQUES DE MELO, José. **Teoria e metodologia da comunicação**: tendências do século XXI. São Paulo: Paulus, 2014.

MARQUES DE MELO, José; FERNANDES, Guilherme M. (orgs.). **Metamorfose da Folkcomunicação**: antologia brasileira. São Paulo: Editae Cultural, 2013.

SCHMIDT, Cristina. Teoria da Folkcomunicação. In: GADINI, Sérgio L.; WOITOWICZ, Karina (orgs.). **Noções básicas de Folkcomunicação**. Ponta Grossa: UEPG, 2007. p. 34-38.

SCHMIDT, Cristina. Folkcomunicação: memória institucional. In: CASTRO, Daniel; MARQUES DE MELO, José; CASTRO, Cosette (orgs.). **Panorama da comunicação e das telecomunicações no Brasil**. Vol. 2. Brasília: Ipea, 2010. p. 264-283.

SODRÉ, Muniz. **A ciência do comum**: notas para o método comunicacional. Petrópolis: Vozes, 2014.

WOITOWICZ, Karina. Teoria geral da Comunicação. In: MARQUES DE MELO, José (org). **Fortuna crítica de Luiz Beltrão**: dicionário bibliográfico. (Coleção Beltrianas, vol. 1). São Paulo: Intercom, 2012. p. 260-267.

WOITOWICZ, Karina; FERNANDES, Guilherme M. Folkcomunicação e Estudos de Gênero: práticas de comunicação nos grupos homossexuais. **Chasqui**: Revista Latinoamericana de Comunicação. nº 135, p. 233-252, ago-nov, 2017. Disponível em: <http://www.revistachasqui.org/index.php/chasqui/article/view/2795/2945>. Acesso em 1º jul 2019.